

Apresentação do dossiê Hibridismo e inespecificidade em romances contemporâneos

Organizadores:

Dr. Flávio Camargo (Universidade Federal de Goiás)

Dra. Lucía Tennina (Universidad de Buenos Aires)

Dr. Paulo Alberto Sales (Instituto Federal Goiano/Universidade Estadual de Goiás)

Dra. Zênia de Faria (Universidade Federal de Goiás)

Contrariando a perspectiva da morte do romance anunciada não só em fins do século XX, como em momentos anteriores, esse gênero tem se reinventado e se expandido, sobretudo, no século XXI, ao se valer de discursos, formas e construções de outros gêneros literários bem como de campos não literários. Nessa transgressão das formas tradicionais e das fronteiras, os romances contemporâneos revelam um modo de estar, segundo Ana Kiffer (2014) sempre “fora de si”.

A noção de uma literatura fora de si, como querem alguns teóricos, ou de “pós-autônoma”, segundo a perspectiva de Josefina Ludmer (2007), refere-se à proliferação de narrativas altamente híbridas, ou seja, que se valem de outras formas e de outros meios composicionais. Essa perspectiva evidencia a dissolução de fronteiras entre discursos, ou essencialmente, no reconhecimento de que elas nunca existiram senão na ficção, necessária para a sustentação de paradigmas tais como os binarismos ficção x realidade, verdade x simulacro etc, o que configura, na contemporaneidade, em ficções híbridas e inespecíficas.

Nos romances contemporâneos, a hibridação, segundo a perspectiva de Vladimir Krysinski (2012), aplica-se aos textos que rompem as fronteiras dos gêneros, transgridem as normas formais

estabelecidas e se manifestam como fusões e/ou aglutinações de diferentes elementos. Embora essas ocorrências de entrecruzamentos existam desde a Antiguidade, e a presença progressiva e até mesmo a proliferação dessa prática seja associada à literatura contemporânea, a constatação desse *crossover* como marca da escrita ficcional de fins do século XX e do início do século XXI é uma prova incontornável da força do hibridismo. Interrelacionadas à intensa hibridação presente nas escritas literárias recentes, destacamos, como consequência, a inespecificidade que, segundo Florencia Garramuño (2014), resulta de práticas que questionam as especificidades dos meios e apostam em seus entrecruzamentos e também na interdisciplinaridade. Enfim, são textos que põem em xeque as marcas canônicas do romance, por exemplo, ao adotarem estratégias, formas, imagens, discursos e elementos de outros campos artísticos ou não-artísticos, que os tornam híbridos.

Por meio dessa apropriação de meios que, agora, passaram a se imbricar e a se reagrupar na matéria romanesca, esses “frutos estranhos” nos levam a nos interrogar sobre seu pertencimento a um domínio artístico específico. Aliás, como afirma Canclini (2016, p. 23): “A história contemporânea da arte é uma combinação paradoxal de condutas dedicadas a afiançar a independência de um campo próprio e outras obstinadas em derrubar os limites que o separam”. Nessa transgressão das formas tradicionais e das fronteiras genéricas, a arte contemporânea aposta, segundo Garramuño (2014, p. 16), no inespecífico, uma vez que as obras elaboram uma linguagem comum que partilha meios diversos do não pertencimento e da não especificidade de uma arte ou de uma ideia. Por estas razões, trata-se de textos que exibem uma intensa porosidade de fronteiras.

Partindo dessa perspectiva do hibridismo e da inespecificidade em romances contemporâneos, este dossiê reúne oito artigos que tratam de diversas formas de hibridização de dicções, de formas e de *crossovers* interdisciplinares.

Em “Se você viajar pelo mar do norte, um artigo sobre *Site Specific*, um Romance”, Renan Augusto Ferreira Bolognin propõe uma

leitura de modo a demonstrar como o autor Fábio Morais “embrenha o texto literário narrativo em artes diversas e em uma monografia acadêmica”, colocando em evidência “o arranjo estrutural do livro, este artigo o dispõe como palavras convertidas em imagens e toma o texto ‘Voyage on The North Sea’, de Rosalind Krauss (1999), como norteador da compreensão dessa obra de literatura que flerta com o audiovisual”.

O artigo “A inespecificidade em *O pai da menina morta*”, de Tiago Monteiro Velasco, propõe uma leitura do romance de Tiago Ferro “a partir de conceitos como literatura inespecífica ou em campo expandido”, de modo a problematizar “o uso de fragmentos como construto narrativo nas escritas de si, na representação da memória e na impossibilidade de se narrar a dor”, procurando fazer uma aproximação de *O pai da menina morta* “às artes visuais, mais especificamente a obras instalativas”.

Edcleberton de Andrade Modesto e Ricardo Barberena — no artigo “Trevisan resgata Trevisan em *Pai, pai: o hibridismo no romance autobiográfico*” —, partindo de uma discussão inicial acerca da noção de autobiografia, tecem reflexões sobre o “embate entre o ficcional e o real [que] pressupõe o hibridismo e a fragmentação”, de modo a demonstrar como a obra *Pai, pai* (2017), de João Silvério Trevisan aponta “para a indecidibilidade do gênero em questão e a legitimidade perante a sua forma livre, ou seja, sua estrutura fragmentada”.

No artigo “As múltiplas escolhas de Alejandro Zambra: leituras comparadas”, Paulo Cesar Silva de Oliveira, a partir de um referencial teórico-crítico sobre questões acerca da noção de campo expandido, da (in)especificidade do literário e da fuga dos lugares de pertencimento, dentre outros conceitos, compreende a “a prosa de Zambra dentro de uma poética que reinventa e problematiza a tradição”. Com isso, o autor dialoga “com pressupostos modernos que, a título de exemplo comparativo, [leva] à obra de Oswald de Andrade, um possível interlocutor”.

Em “Um romance hiper-circuitado: *2019 não passa* e o curto da tradição literária”, Júlia de Mello, Renata Amâncio e Rejane Cristina Rocha afirmam, a partir de Arlindo Machado, que “na contemporaneidade digital os meios digitais oferecem possibilidades e impõem restrições aos escritores, a depender de como eles optam por manipular códigos informáticos ou, ainda, experimentar com as mídias a fim de expandir e/ou recusar as especificidades dos gêneros literários nascidos e consolidados ao longo da cultura impressa”. Partindo desses pressupostos, as autoras propõem uma análise do romance de Instagram *2019 não passa* “a fim de discutir de que maneira a sua inscrição material, em uma rede social, altera/amplia o que [têm] identificado como próprio do gênero romance”.

Em “O animal estético e político em “Carta a uma senhorita em Paris”, de Julio Cortázar”, Hiandro Bastos da Silva e Lauro Roberto do Carmo Figueira afirmam que, a partir de “uma perspectiva biopolítica, proposta por Giorgio Agamben, estabeleceu-se um paralelo entre a dominação do não humano na cultura ocidental e a dominação do humano no registro contemporâneo – debate instalado [na] narrativa [em questão]”. Partindo desse pressuposto, os autores propõem uma leitura de modo a apurar as “potências virtuais no animal cortaziano [...] que assediam as estruturas opressivas da realidade factual, reconfigurando as concepções de humanidade e animalidade para se alcançar novas economias de vida”.

Marcelo Ferraz de Paula e Adriana Santana no artigo “*Nolite te bastardes carborundorum*: a narrativa testemunhal em *O conto da Aia*, de Margaret Atwood”, a partir de estudos teórico-críticos sobre o testemunho, analisam a narrativa da personagem Offred, do referido romance, “concentrando-se no exame de suas configurações testemunhais”, buscando “evidenciar o modo como a construção ficcional do romance incorpora, em sua tessitura narrativa, marcas formais e impasses éticos e estéticos que são próprios da chamada ‘literatura de testemunho’”.

Por sua vez, no artigo *"The Home Front: Norman Mailer's The Armies of the Night"*, Luiz Carlos Moreira da Rocha analisa o romance de Norman Mailer "como um registro da marcha sobre o Pentágono ocorrida em outubro de 1967 em um grande protesto contra a Guerra do Vietnã", abordando questões referentes a dados históricos, sociais e culturais que são reconfigurados na narrativa de Mailer.

Referências bibliográficas

CANCLINI, Néstor. **A sociedade sem relato**: antropologia e estética da iminência. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

KIFFER, Ana. A escrita e o fora de si. In: KIFFER, Ana; GARRAMUÑO, Florencia. **Expansões contemporâneas**: literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014. p. 47-68.

KRYSINSKI, Vladimir. Sobre algumas genealogias e formas de hibridismo nas literaturas do século XX. Tradução e apresentação Zênia de Faria. **Revista Criação & Crítica**, n. 9, p. 230-241, 2012.

LUDMER, Josefina. Literaturas postautónomas. **Ciberletras Revista de Crítica Literaria y de Cultura**, n. 17, 2007.